

O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO NAS REDES SOCIAIS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL E A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES DE PRÁTICA

THE SPACE OF EDUCATION IN SOCIAL NETWORKS IN TIMES OF SOCIAL ISOLATION AND THE FORMATION OF COMMUNITIES OF PRACTICE

Renata Fevereiro Berenguer¹

Alexsandro dos Santos Machado²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo problematizar a distância colocada entre o ensino público e o ensino privado ao longo dos anos no Brasil e pensar de que maneira se pode minimizar o impacto já esperado na educação durante todo o tempo de isolamento social do ano de 2020 devido à quarentena. Para tanto, se pretende analisar qualitativamente e de maneira exploratória o potencial da utilização das redes sociais e da TDICs na educação durante o período e, sobretudo, a hipótese de que, a partir das experiências, a utilização desses recursos possam ser redimensionadas em vista de inovações pedagógicas para a melhoria das condições educacionais, especialmente junto às escolas públicas. Percebe-se que as redes sociais podem servir não só como meio de comunicação entre os diversos atores da escola e da família, mas também

¹Mestranda em Educação (UDE), graduada em Letras (USP), Pedagogia (Anhanguera) e pós graduada em Ensino de Língua Espanhola (Estácio de Sá). Professora polivalente na Prefeitura de São Paulo. reberenguer@gmail.com.

²Pós-doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - Pernambuco (2016). Professor Adjunto do Curso de Pedagogia - Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisador do Núcleo de Estudos Educação e Gestão do Cuidado e do Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, Infância e Juventude. alexsandro.santosmachado@ufrpe.br.

como plataforma de estudo e principal ferramenta acessível a maior parte da comunidade nesse momento emergencial, inclusive possibilitando a formação de comunidades de prática (COPs).

Palavras-chave: redes sociais, ensino público e privado, comunidades de prática.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo problematizar la distancia entre la educación pública y privada a lo largo de los años en Brasil y pensar en cómo minimizar el impacto ya esperado en la educación durante todo el período de aislamiento social en 2020 debido a la Cuarentena. Por lo tanto, se pretende analizar cualitativamente y de manera exploratoria, el potencial del uso de redes sociales y TDIC en la educación durante el período y, sobre todo, la hipótesis de que, a partir de las experiencias, el uso de estos recursos puede cambiar de tamaño en vista de las innovaciones pedagógicas para mejorar las condiciones educativas, especialmente con las escuelas públicas. Se observa que las redes sociales pueden servir no solo como un medio de comunicación entre los diversos actores de la escuela y la familia, sino también como una plataforma de estudio y una herramienta principal accesible para la mayoría de la comunidad en este momento de emergencia, incluso possibilitando la formación de las comunidades de práctica (COPS)

Palabras clave: redes sociales, enseñanza pública y privada, comunidades de práctica.

INTRODUÇÃO

Há tempos as escolas públicas e privadas apresentam entre elas um grande distanciamento no Brasil, conforme dados apresentados pelo próprio Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Se de um lado temos uma precária infraestrutura, a começar pela localização daquelas em bairros periféricos, salas superlotadas, onde muitos estudantes fazem sua única refeição no espaço escolar, do outro lado temos a competição entre escolas particulares que buscam as posições superiores nos rankings dos exames nacionais do país, investem em tecnologia e os estudantes levam ainda dinheiro para a compra de materiais diferenciados, refeições variadas, além de já chegarem alimentados de casa e com certo repertório cultural, incentivados pela família que pode financiar um conhecimento extraescolar.

Não é regra, claro, nem de um lado nem do outro, mas é o panorama geral observado. É verdade também que, segundo Maldonado (2016), todo esse quadro não reflete o universo total das escolas brasileiras, que há escolas que tentam projetos diferentes e “há em muitos bairros, comunidades, vilas, favelas, rincões escolas que constroem uma proposta capaz de atender as necessidades de uma comunidade.” No entanto, tais necessidades, também estão bem distantes das exigências do que o país coloca como os que precisarão de um ensino de qualidade e acaba que, de maneira mais geral, a distância entre os âmbitos se faz entre as escolas a cada ano.

Cabe saber qual o papel assume cada um dos participantes e dos elementos que diferenciam uma escola da outra. Nesse artigo se pretende analisar o potencial da utilização das redes sociais e da TDICs na educação durante o período de isolamento social e, sobretudo, a hipótese de que, a partir

das experiências desse período, a utilização desses recursos possam ser redimensionadas em vista de inovações pedagógicas para a melhoria das condições educacionais, especialmente junto às escolas públicas.

A pandemia do COVID- 19 talvez tenha evidenciado ainda mais a diferença de condições e de oportunidades entre as escolas públicas e privadas. Enquanto a escola privada busca encontrar rapidamente plataformas digitais para dar suporte remoto às aulas de seus alunos, a rede pública não consegue, geralmente, oferecer as mesmas condições para seus estudantes. Todavia, em ambos sistemas de ensino, as redes sociais, amplamente utilizadas por diferentes camadas sociais, parece ser utilizada por todos para comunicação e mesmo como plataforma educacional, ainda que de forma invariavelmente intuitiva e precária.

TEMPOS CAÓTICOS E MODERNOS

É fato que desde o começo do isolamento social todas as escolas estiveram fechadas e os estudantes ficaram sem as aulas presenciais, mas enquanto a maioria das escolas privadas já trabalhava com plataformas educacionais e redes sociais, de domínio por parte dos estudantes e professores, esses iniciaram videoaulas, chats, envio e correção de atividades diárias; as escolas públicas, no mesmo momento, ainda se preparavam para receber um material que não contempla todas as disciplinas do currículo e que sequer se sabe se chegaria a todos os endereços, que conta com a certeza de que cada um desses estudantes dispõe de um aparelho de celular, pelo menos (o que não é o mais indicado, mas é o mínimo), rede, um espaço para o estudo e a concentração no período conturbado de ansiedade, dúvidas e incertezas.

Fora isso, grande parte dessas escolas não poderia optar por plataformas educacionais já que os alunos sequer têm ideia de que existem e de como funcionam, o que faria com que o espaço escolhido para a comunicação com a família, a seleção das atividades do material impresso sejam os *facebook*s dos alunos e/ou responsáveis, o que se tem de mais próximo da comunidade escolar nesse período.

Cada aluno dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio receberá um kit com quatro apostilas: de língua portuguesa, de matemática, com orientações gerais e sobre a utilização do Centro de Mídias SP. Serão impressos 13 milhões de materiais. (...) Com as cartilhas, os pais poderão ajudar seus filhos e contribuir com sua formação, independentemente de sua escolaridade. Para isso, é importante que organizem uma rotina para que os filhos possam estudar todos os dias. Para o desenvolvimento das atividades escritas, familiares alfabetizados ou professores, à distância, poderão apoiar os alunos e responsáveis no entendimento dos materiais enviados. (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2020, s. p.)

Para Pacheco (2019), as redes sociais, não de hoje, desenvolveram na sociedade um movimento de desumanização. Segundo o autor, possuímos as mais diversas redes e instrumentos de comunicação, porém pertencemos à uma sociedade solitária, que vive conectada com o mundo mas na verdade não está ligada a ninguém. Se por um lado o autor tem sua razão, por outro vale lembrar que, se não fosse a tecnologia e as redes nesse período de isolamento social, seria ainda mais impossível a vida do ser humano, e ironicamente, mais “desumanizada”. Isso porque muitas empresas conseguiram adotar o sistema

home office para manter parte dos funcionários pelo menos e a continuidade do trabalho, os estudos puderam seguir e inclusive a própria comunicação formal e informal, que antes foram frias pelas telas, com o ocorrido se tornou a única maneira de reuniões entre funcionários de empresas diversas ou até mesmo encontro entre avós e netos, pais e filhos, amigos, etc. Ainda que não totalmente eficaz, as redes sociais evitaram uma situação que poderia ser muito mais caótica caso não existissem.

Talvez seja pessimista pensar que nada se fará com as redes sociais após o término de tudo isso, que as escolas seguirão apenas com suas páginas de *facebook* para divulgar eventos esporádicos e algumas fotos, vez ou outra, para que a comunidade acompanhe como sempre aconteceu. Mas é fato que, “se tratamos as tecnologias digitais como um recurso pedagógico torna-se necessário, portanto, transformar o cenário educacional, buscando tendências amplas e contextualizadas, novas metodologias e linguagens próximas da realidade do aluno” (Moura Beserra, 2017). E o que se tem visto é ainda uma escola antiga em uma era moderna, e que nem prática nem teoria consegue dar conta de uma educação de qualidade efetivamente, como coloca Pacheco (2019).

Como poderemos falar de inovação na Educação, quando ainda temos alunos do século XXI a serem ensinados por professores do século XX, com práticas do século XIX? O que temos nas escolas é a prática generalizada do modelo instrucionista misturada com resquícios de práticas do paradigma da aprendizagem, circunscritas a escolas particulares e raramente em escolas de redes públicas de ensino. Ou seja, a origem daquilo que vem sendo considerado inovador no sistema

educativo remonta a modelos criados há mais de cem anos. (Pacheco, 2019, p.91)

O abismo de que se falou no início do artigo é este: por mais que tenhamos problemas nas escolas privadas também, já que existiria aí uma necessidade geral de reestruturação na educação, como a implementação efetiva das redes sociais na sala de aula, a escola pública está e estará sempre atrás, e com tais acontecimentos, se o atraso será grande em todos os setores, para a educação pública será catastrófico.

Faz-se necessário, pois, pensar em como voltar desse período de isolamento social com outro pensamento, aproveitando a ideia de que não seremos nunca mais a mesma escola, não teremos mais os mesmos estudantes, os mesmos professores. Nossa hipótese é de que as redes sociais estarão, mais que nunca, presentes na vida de cada uma dessas pessoas que retornarão aos seus espaços de estudo e de trabalho, continuar-se-ão conectados como sempre estiveram, mas com um olhar diferente. Voltar com novas práticas, com novos caminhos e buscando realmente a inovação que se espera para um século de inovação é o que se desejaria, retomando a ideia de Pacheco (2019), uma escola do século XXI para o século XXI.

Primeiramente, parece justo que os estudantes da escola pública estejam tão familiarizados com as tecnologias e com as redes quanto aos da escola privada, para sua rotina de estudo ou até para o caso de haver outra situação emergencial como essa. Rodrigues (2019) constata que muitos de seus alunos não sabem utilizar os recursos mais simples de seus aparelhos celulares e sugere que o aprendizado se dá a partir da prática; talvez nada mais coerente e dentro do que se acredita em educação, que esses estudantes

aprendam a tirar fotos de seus celulares e a editá-las dentro dos próprios programas de edições, postando-as em suas redes sociais servindo como estudo para si e para seus colegas, que resolvam exercícios dentro de plataformas educacionais, que criem grupos de estudos através de programas de videoconferências, ou que criem *blogs* para expor todos os seus trabalhos, como exemplificado no trabalho do autor, entre tantas outras formas, trazendo mais verdade e mais realidade ao que é realizado no dia-a-dia do estudante.

E se muitos gestores, professores, responsáveis e até os próprios estudantes resistirem em aceitar as redes nos estudos das crianças e adolescentes com os argumentos clichês sobre a privacidade, os riscos de segurança e todos os outros já conhecidos, que se utilize o tema também para debate em sala de aula, que “educação digital” seja efetivamente uma disciplina em que se mapeiem os problemas e os perigos, discutam-se e se pesquisem soluções, e que isso sirva para que cada um desses estudantes leve para sua vida o risco de uma conversa com um desconhecido, como reconhecer um possível pedófilo, por exemplo, alguém de quem ele já estará prevenido das intenções e antes não tinha o menor conhecimento, já que ninguém havia tratado do tema.

A partir disso, alguns estudantes trouxeram exemplos de *youtubers*, imagens e vídeos que viam nas redes sociais, e que lhes causavam desconfiança quanto a um suposto caráter de verdade, que então passou a ser questionado, seja por parecerem exagerados, ou por aparentar estarem sempre bem, dispostos e alegres. Conversamos sobre o quanto as pessoas usam de estratégias para disfarçar

sentimentos 52 considerados inadequados para expor em público – como a tristeza, a melancolia, por exemplo. (Rodrigues, 2019, p.47)

AS REDES SOCIAIS NA TEORIA

Segundo Neto (2018), há ainda certa dificuldade sobre a abordagem do tema, já que “há poucos trabalhos que versam sobre a aprendizagem móvel e a educação básica, sobretudo na escola pública”, então quem dirá das redes sociais que é um assunto mais específico e que viria depois da aprendizagem móvel. Sabe-se também, como já discutido, que ser no contexto da escola pública é ainda mais complicado, e é exatamente por esse motivo também que se tem a pretensão de mostrar que também aí os alunos podem e precisam ter esse acesso pra ter o mínimo de chance com os alunos da rede privada. Interessante também abordar o título do trabalho do autor “PROFESSOR, POSSO USAR O CELULAR?”, pergunta de grande parte dos estudantes e polêmica sempre presente no espaço de sala de aula. Como já comentado nesse trabalho, se há uma lei, é imprescindível que no primeiro dia de aula os professores acordem com suas turmas que o uso de celular está permitido porque o aparelho o ajudará nas pesquisas, nos registros, na construção das comunidades e em todo o trabalho realizado e que os estudantes terão seu tempo tão preenchido com a rotina que não haverá espaço para outro uso do celular. Afinal, quem tem o que fazer não tem tempo a perder.

Como comentado por Rodrigues (2019), alguns teóricos vêm trabalhando a ideia da inovação, mais especificamente das redes sociais e da formação das comunidades de prática virtuais a partir de seus usos, talvez não da maneira como se gostaria, ou não transferida para a prática como se

deveria estar, mas ter esses estudos como base pode ajudar a transformar o que se tem e criar o que se espera.

Na busca de autores em geral que trabalham as redes sociais na educação, encontramos trabalhos relacionados ao *facebook* e *whatsapp* especificamente e pouco de outras redes; quanto aos estudantes, geralmente direcionados ao ensino médio, provavelmente por conta da faixa etária dos usuários. É sempre importante considerar que há uma infinidade de redes sociais que se podem apresentar pelas quais ótimos projetos podem ser desenvolvidos, textos mais compactos podem ser trabalhados, como é o caso do *twitter*, diálogo entre textos verbais e não verbais etc. Também para as redes com finalidades educativas a escola pode pensar em uma parceria com as famílias para a criação das contas com o consentimento do responsável; teremos soluções e não problemas sempre que a educação estiver em primeiro lugar e a parceria família-escola visar o ganho do estudante.

A partir do que colocam Collado, Lucio e Sampieri (2006) tinha-se algumas evidências sobre o tema que se pretende investigar, principalmente no que se refere ao mais geral - "tecnologia na educação" - e ideias sobre muitas coisas não tão evidentes e que se fazem problemáticas, principalmente em trabalhos de autores que contemplam as redes sociais, ou naqueles que privilegiam o ensino de língua estrangeira e os que, com isso, visualizam a aprendizagem colaborativa e a comunidade de prática dentro de um contexto virtual entre os estudantes (muitos trabalhos, inclusive aqui citados, trazem o docente como responsável pelo sucesso e/ou fracasso de tal situação, e embora sejam utilizados para enfatizar a temática maior, não têm em comum o sujeito central como objetivo da pesquisa).

Nóbrega (2016) ressalta o conceito de Comunidades de Prática, aprendizagem colaborativa e tecnologias digitais dentro do espaço de língua espanhola. A investigação da autora tem um caráter autoavaliativo já que analisa criticamente suas aulas, insere o blog no ensino - aprendizado de língua, constata os efeitos negativos e busca os positivos, principalmente pensando em como pode contribuir para uma aprendizagem colaborativa na construção de uma comunidade de prática. Diz propor encaminhamentos de investigações futuras, os quais seriam interessantes, mas não o faz, sendo assim, não é possível partir de tal tese para a continuação do presente trabalho.

Melchiorretto (2016) traz a inovação das redes sociais para a sala de aula, mas lembra de que docentes e estudantes se apoiam ainda nos recursos didáticos antigos que sempre os acompanharam nos percursos e obstáculos que sempre se colocarão à tecnologia. Segundo o autor, “as novas tecnologias digitais não eliminam as tecnologias de época, como a escola. A escola, de maneira geral, é perpassada por um discurso de inserção, adaptação ou de resistência às tecnologias digitais que se desvelam o tempo inteiro diante dela” (p.8). Assim como acontece com a Filosofia no Ensino Médio dentro de tal contexto, também no presente trabalho se pretende fazer com que os alunos tenham uma experiência única da disciplina envolvendo as redes dentro das experiências tradicionais, mas também fora delas.

Da Cunha (2016) defende as redes sociais como ferramentas pedagógicas que promovem a formação crítica e a autoria dos alunos com a mediação do professor. O estudo demonstrou que alunos de um colégio público desenvolviam maior autonomia crítica quando utilizavam o *facebook* em

uma atividade pedagógica para estudo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em detrimento de atividades que executavam normalmente em sala de aula quando liam, copiavam, memorizavam e reproduziam o conteúdo sem sentido (os resultados no primeiro caso foram muito mais favoráveis). Dessa forma, defendemos também aqui o uso das redes sociais na aprendizagem inclusive para os alunos que apresentam maior dificuldade. Para o ensino específico de línguas a interação nas redes e o diálogo enquanto troca de aprendizagem para conhecimento de vocabulário, expressões idiomáticas, estruturação de frases, orações, correções pelo outro participante, é de grande valia e pode trazer bons resultados.

Portanto, considerando que “as redes sociais da internet alargam os *espaçostempos* de aprendizagem e trazem novas maneiras de tecer conhecimentos nos cotidianos” (Medeiros, 2017,p.38), e levando em conta sua maior utilização durante a necessidade de isolamento social, tanto nas redes públicas e privadas de ensino, sustentamos a necessidade de novas investigações sobre a extensão do uso das redes sociais como comunicação e plataforma educacional em vista de inovações pedagógicas e diminuição do abismo de oportunidades existentes entre essas instituições.

Nesse sentido, concordamos com José Pacheco (2019) que vê a inovação pedagógica não somente como ampliação de acesso a dispositivos, como celulares, computadores e tablets, mas seu uso para se dar uma resposta ética, para superação do paradigma instrucional da educação, em vigor desde o século XIX em nossas escolas, tanto públicas quanto privadas. Para tanto, de fato, hipoteticamente o uso das redes sociais pode oferecer

rupturas nas rotinas³ do tempo escolar, como um contínuo dentro da vida de cada aprendiz.

Além disso, Bredow (2017) evidencia que “dentro do ciberespaço origina-se uma nova forma de comunidade com interesses afins constituindo-se um novo espaço de discussão e comunicação virtual originando as comunidades virtuais”. Supostamente, muitas vezes os estudantes se juntaram em redes conhecidas e às vezes até de pouco conhecimento dos professores para falar de estudos, montar seus grupos de trabalho, etc. Isso porque poderiam fazê-lo no período escolar onde estavam juntos boa parte do dia. Imaginemos o quanto de espaço virtual não necessitariam, nesse período de isolamento social, para tirarem suas dúvidas sobre tudo; quantas comunidades virtuais de estudo não podem ter surgido por alunos das escolas públicas no longo período em que estiveram sem aulas, e posteriormente, quando chegaram os materiais, os exercícios, as plataformas que nem todos dominavam, os grupos para estudos de vestibulinhos e vestibulares, ou sobre temas diversos dos quais nem se tem ideia.

Diante do perfil de sociedade existente hoje, a escola ou a comunidade como um todo já deveria perceber que isolar dos estudantes a tecnologia, especialmente o celular e as redes sociais em um mundo paralelo é um erro. Segundo Neto (2018), as redes sociais estão já totalmente incorporadas à vida do ser humano, tomam grande parte de seu tempo e não estar conectado a nenhuma delas é algo que já quase não se vê; não é na escola, portanto,

³ As palavras “rotina” e “ruptura” possuem a mesma origem etimológica. Ambas advêm do latim “rupta”, que designam “caminho, direção, rumo” (Cunha, 2001, p.691-692). Ou seja, há um fecundo paradoxo semântico no termo rotina: a) que pode ser compreendida como caminho já aberto e já traçado, percorrido ordinariamente. Mas também pode significar b) ruptura, novo caminho aberto, nova rota.

muitas vezes o lugar em que a criança e/ou o adolescente mais passa seu dia, onde tem a oportunidade de aprender, de crescer, de escolher sua carreira, que deve ser privado de algo benéfico que faz parte do mundo e que pode perfeitamente dialogar com o que se aprende no currículo. Quanto antes se fizer isso melhor, assim como a aprendizagem de um idioma, ou das artes, e não fazê-lo também ao final do Ensino Médio e no Ensino Superior como se o assunto tecnologia e principalmente aprender a partir das redes sociais fosse um tabu.

A investigação de Freitas (2017) aponta o ensino centrado no aluno-aluno cujo objetivo, portanto, aproxima-se do que propõe o presente trabalho; dessa forma, sem que o professor precise providenciar ou interferir de qualquer maneira, os alunos criam a situação para que o objetivo seja alcançado. A comunidade de prática se desenvolve no espaço virtual para que aquele grupo atinja o objetivo. Mas o mais inesperado é que, como resultado final, tem-se que o uso do aplicativo estava mais relacionado às estratégias dos alunos para obterem nota e aprovação do que a um recurso de interesse real pela Matemática, como era pensado e proposto pelos professores inicialmente.

A pesquisa de Silva (2017) traz a tona uma problemática bastante interessante que é ainda a proibição do celular no contexto de sala de aula e ao mesmo tempo a importância dele para a construção de muitos pontos importantes na aprendizagem, inclusive da chamada comunidade de prática. Tal problemática precisa ainda ser muito discutida e reformulada enquanto acordo escolar, ou dentro do PPP da escola, já que há uma lei que realmente impede o uso do aparelho, em um momento em que se considerava mais nocivo seu uso enquanto dispersor de atenção nas aulas do que um facilitador,

(se é que houve esse momento na realidade); hoje, mais que nunca, sabemos que devemos repensar o caso.

Tripani (2017) traz uma justificativa para sua investigação bastante similar a essa no sentido do interesse das TICs no contexto dos alunos e observa o trabalho colaborativo nos ambientes virtuais de aprendizagem, exatamente o ponto que nos interessa: o espaço virtual criado pelos alunos para o desenvolvimento de tarefas que culminarão em resultados de seus interesses. Os participantes divergem, já que se trata de um público mais maduro: além das professoras e da tutora, 14 alunos, que são os participantes que mais nos interessam para a investigação, mas de um curso de graduação de Letras de uma universidade pública. O ponto negativo da pesquisa é que o resultado aponta novamente para a ideia de que se deve investir na formação do professor para que esse consiga manejar as TICs de maneira mais eficiente e assim possa trabalhar com o grupo para que as comunidades de aprendizagem, conseqüentemente, também sejam construídas de forma mais consistente, o que nos leva duplamente a discordar que parece é que os alunos não necessitam do docente para que a comunidade de prática entre os estudantes se crie, é a necessidade e o interesse que a criará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das mais difíceis tarefas de um educador é estar impossibilitado de fazer alguma coisa diante de uma situação, ainda que para amenizá-la naquele momento. Nenhum teórico, nenhuma metodologia ativa, nenhuma concepção pedagógica dá conta de disseminar o que o mundo vive no ano de 2020, mas temos a obrigação, cada um dentro de sua área, de pensar em

alternativas para reparos futuros diante do estrago que está por vir. Como já dito, o mundo e tampouco a educação serão os mesmos após esses tempos, posto isso, vale planejar o que se pode fazer para que cada estudante tenha um pouco valorizado cada dia perdido.

Defende-se aqui a extensão do uso das redes sociais no retorno das aulas presenciais também em sala de aula favorecendo as comunidades de prática, ou seja, a ideia do grupo e o abandono de métodos mais tradicionais e a aprendizagem mais individualizada.

Considerou-se um tema relevante porque trata um assunto contemporâneo, um fato que já estará nos livros de história como algo que ficará marcado com uma estratégia que agrada a maior parte dos estudantes; acompanhar o processo de evolução das tecnologias e integrá-las na sala de aula, incentivando os estudantes a usá-las a favor da aprendizagem e além dos muros da escola, é um dever do professor. Na verdade, o uso das redes sociais a favor ou não da educação, de certa maneira, já acontece. Qualquer tentativa de fechar os olhos diante desse fato que parece trazer mais benefícios que malefícios aos estudantes é dar um passo atrás no que diz respeito à educação; o caminho seria, posteriormente à pesquisa, sugerir ou até mesmo criar novas redes sociais com as turmas e traçar quais são os perigos e/ou desafios com os quais se encontram esses estudantes e de que maneira a escola pode auxiliá-los.

O foco é o uso das tecnologias, ou melhor, das redes sociais por parte do estudante especialmente da escola pública quando o período de aulas presencial retornar. Espera-se que esses grupos de estudantes avancem, tornem-se mais equiparados e preparados em relação aos estudantes de

escola privada, já que ambos os grupos devem ter as mesmas oportunidades, que também possam formar grupos de interesses e através das redes sociais (as redes que dominam ou as que não dominam, mas que lhe pode ser muito útil) percebam uma conexão com o mundo virtual que ainda não perceberam, uma necessidade prática a seu favor para um objetivo comum com seu grupo, homogêneo principalmente quanto aos seus interesses relativo ao produto final.

Ainda, muitas vezes, proíbem-se os dispositivos móveis para fins pedagógicos durante as aulas, faz-se necessário reavaliar tal assunto e entender que poderiam servir como recurso integrado ao processo de aprendizagem escolar; com o celular totalmente permitido, talvez surgissem até mesmo comunidades de prática como grupos de estudos, ou como um caderno virtual mais completo, formado por anotações de toda a turma, por exemplo. Parece-nos relevante qualquer caminho que tome o estudante enquanto protagonista, de seu material de estudo, da organização do seu espaço, gestor de seu tempo e ainda mediador do ensino entre seus colegas nesse novo tempo que está por vir.

Essas e outras questões serão, portanto, verificadas em nossa investigação, que ocorrerá assim que terminar o período de isolamento social em curso no Brasil. Em breve, esperamos divulgar seus resultados preliminares e desejamos que outras pesquisas sejam realizadas por outros pesquisadores para aprofundarmos o tema, ampliando horizontes de oportunidades de transformação e inovações pedagógicas, diminuindo as desigualdades sociais do Brasil, historicamente perpetuados também por meio da Educação.

REFERÊNCIAS

- Beserra, R.A. de M. (2017) As Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs e a docência no Ensino Médio público Estadual: entraves e ganhos..
- Bredow, V. H., & Zamperetti, M. P. FACEBOOK E ESCOLA: NOVAS INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS.
- Collado, C. F., LUCIO, P. B., & Sampieri, R. H. (2006). Metodologia de pesquisa. McGraw.
- Cunha, A. A. D. (2016). Autoria e cooperação na formação de sujeitos nas redes sociais: o caso do Enem no Facebook.
- Cunha, A. G. D. (2001). Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa Nova Fronteira. (14ª impressão). Nova Fronteira.
- Freitas, M. D. (2017). “Bora animar o grupo!”: a construção de uma comunidade de prática virtual em um Instituto Federal de Ensino.
- ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.
<http://portal.inep.gov.br/ideb>.
- Maldonado, L. (2015). Gestão escolar-para uma práxis transformadora: uma escola pública inovadora Emef. Desembargador Amorim Lima (Master's thesis, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).
- Medeiros, C. (2018). #DIFERENÇA: IMAGENS DENTROFORA DA ESCOLA. Rio de Janeiro: e-Mosaicos,
- Melchiorretto, A. F. (2016). FORMAS VIRTUAIS DE DIÁLOGO E A TURMA DA BAGUNÇA. ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, 12(1).

Oliveira Neto, A. A. D. (2018). Professor, Posso Usar o Celular? Um estudo sobre mobilidade e redes sociais no processo de ensino e aprendizagem escolar.

Nóbrega, A. M. (2016). O ensino de língua espanhola mediado por tecnologias digitais: aventurando-me por caminhos virtuais.

Pacheco, J. (2019). Inovar é assumir um compromisso ético com a educação. Vozes.

Rodrigues, J. A. (2019). Problematizando as redes sociais digitais nas aulas de artes junto a jovens.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. <https://www.educacao.sp.gov.br/destaque-home/1557621/> .

Silva, J. D. S. (2017). A tecnologia móvel na aprendizagem colaborativa em uma comunidade de prática: para uma escola de seu tempo.

Tripani, G. T. A. As presenças social, cognitiva e de ensino e a formação de uma comunidade virtual de aprendizagem na disciplina língua espanhola de um curso de Letras (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Recebido: 19/05/2020

Aceptado: 16/07/2020